

# CONTACTO

Folha Informativa da AMI-GISC

MARÇO DE 2004

## A SEDE

### 1ª Parte – A necessidade

Diz-se entre casais jovens e menos jovens que “Quem casa quer casa”.

Quer-se com isto significar uma grande verdade que é a seguinte:

Não há verdadeira

independência sem um espaço de uso próprio. Ninguém, nenhuma instituição, cresce e se desenvolve se não tiver um espaço para poder utilizar sem constrangimentos, organizando-o com a funcionalidade que entende, usando-o no horário mais conveniente, podendo receber à hora que entender quem achar por bem.

A AMIGisc também sentiu esta necessidade. Sentiu-a desde à bastante tempo, mas o desenvolver dos trabalhos tornou claro que um espaço com as características descritas acima era uma necessidade imperiosa no sentido de dar o salto qualitativo que a Associação ambiciona e a freguesia merece e precisa.

É um facto que a Associação nunca parou por não ter sede, graças à boa vontade e espírito de sacrifício de muitos (só fica bem incluir aqui um parêntesis para deixar um GRANDE abraço ao Manuel Ferreira. Bem hajas Manuel! A AMIGisc está-te eternamente grata).

Mas também é verdade que a casa de cada um é de cada qual. Que os horários colectivos das reuniões por vezes causavam transtornos e complicações aos anfitriões e suas famílias. Que os arquivos e documentos estavam dispersos e quase impossíveis de consultar em caso de necessidade

urgente. Que materiais utilizados para as actividades não podiam ser correctamente armazenados e inventariados e, em caso de materiais em sobra, eram quase sistematicamente não recuperados.

Em suma, era uma necessidade imperiosa que a Associação pudesse usar um espaço de acordo com as suas necessidades e conveniências.

### 2ª Parte – A ideia

De facto, a coisa diz-se em poucas palavras:

Era necessária uma Sede!

Já a resolução não é assim uma coisa tão simples. Onde encontrar um espaço, pequeno que fosse, mesmo que exigisse alguma intervenção, acessível à capacidade financeira da Associação?

Um dia, numa conversa após uma Assembleia de Freguesia, alguém ouviu o Sr. Presidente da Junta, a propósito dos contadores eléctricos em nome da Junta, mencionar a “Casa do Coveiro”, designação vulgarmente dada ao edifício devoluto junto ao cemitério da Freguesia.

O bichinho ficou a roer até que, quase informalmente, a ideia chegou à Direcção. Estava-se em Setembro de 2002 e preparava-se uma acção de limpeza na encosta do cemitério virada para a Rua das Rãs (acção, aliás, que merece ser repetida, tal a quantidade de lixo que se encontra novamente acumulado no local), e nessa reunião foi decidido pedir autorização para uma visita de exploração da casa.

### 3ª Parte – O susto

A dita visita decorreu no final da mencionada actividade, e fez arrefecer

# CONTACTO

Folha Informativa da AMI-GISC

MARÇO DE 2004

muitos entusiasmos, se é que havia assim tantos entusiasmos.

O que se viu nessa visita? Muito lixo, muito sujidade, muita degradação, um espaço muito pequeno, ou melhor, dois espaços muito pequenos.

Tornar aquele espaço habitável, quer dizer utilizável iria exigir uma intervenção muito profunda, quer em termos de trabalho, quer em termos de custos, e a ideia afrouxou um bocadinho.

Mas, quais eram as alternativas? Onde procurar outro espaço?

E enquanto a situação estava neste pé a necessidade que se sentia de um espaço era cada vez maior.

Até que a ausência de alternativas foi decisiva e formalizou-se o pedido de cedência do espaço à Junta de Freguesia.

## 4ª Parte – Transparência

Apesar de dois elementos do executivo serem sócios da AMIGisc, esta não beneficiou de nenhuma situação de favor por tal facto.

Após ter formalizado junto do executivo o seu interesse na cedência do espaço, o executivo não tomou nenhuma deliberação sem primeiro ouvir **todas** as Associações da Freguesia, quanto a um eventual interesse pelo mesmo espaço. Assim oficiou a todas as Associações (curiosamente, também à AMIGisc) nesse sentido. Reafirmamos o nosso interesse, sendo os únicos a responder ao ofício.

O executivo decidiu então levar o caso à Assembleia de Freguesia (em Abril), onde a autorização para a cedência foi aprovada com 6 votos favoráveis e 3 contra, ficando de ser negociadas (e novamente apresentadas à Assembleia) as condições de cedência.

Em Junho foram aprovadas as ditas condições (cedência por sete anos, luz e água pagas pela Junta de Freguesia, responsabilidade da Associação pelas obras necessárias para garantir a habitabilidade bem como pela manutenção do espaço, com a obrigação de não utilizar nunca o espaço no apoio a campanhas de índole eleitoral).

Podem acusar a Junta de tudo, menos de favorecer a Associação neste processo.

## 5.ª Parte – A intervenção

Resolvida a parte burocrática, começou-se a pensar na parte prática.

Havia duas opiniões quanto ao tipo de intervenção a realizar. Chamemos-lhes a grande intervenção e a intervenção mínima.

A grande intervenção pretendia obras de fundo e visava unir os dois espaços distintos e desnivelados da casa, o que implicava destruir uma parede e (o mais complicado) alterar o telhado na água virada a norte. Vantagens: conseguir um espaço ligado e de dimensões razoáveis.

Desvantagens: custo, a quase certa necessidade de contratar mão de obra externa, necessidade de obtenção de uma licença (dado que era mexida a estrutura exterior do edifício).

A intervenção mínima procurava tornar o espaço utilizável com o mínimo de alterações possível. Desvantagens: espaço dividido e pequeno, pouco apropriado para grupos de dimensão razoável. Vantagens: custo mais acessível, quase certa possibilidade de fazer as obras com a prata da casa, uma vez que se tratavam fundamentalmente de limpezas acertos e pinturas no interior da casa a obra poderia arrancar sem qualquer entrave burocrático.

# CONTACTO

Folha Informativa da AMI-GISC

MARÇO DE 2004

Durante o verão ora uma ora outra opinião tomaram vantagem, até que em Outubro de 2003 a necessidade falou mais alto e decidiu-se fazer aquilo que sabíamos ter capacidade de fazer sem problemas e arrancou-se com a intervenção mínima.

## 6ª Parte – O ontem e o hoje

Quem não viu dificilmente fará ideia de como este espaço se encontrava. Uma das coisas que lamentamos foi não ter feito uma reportagem fotográfica que fosse documentando as transformações que o espaço foi sofrendo ao longo do tempo.

Em Setembro retiraram-se carradas de lixo.

O início das obras coincidiu com a mudança de Direcção. Em Novembro começaram as intervenções mais pesadas: limpar e aprumar (quando possível) as paredes, lavar e pintar o tecto, nivelar o soalho e torna-lo mais seguro, pintar as paredes, renovar a instalação eléctrica da divisão maior.

Seguidamente refez-se a casa de banho e lavou-se profundamente a cara à divisão de entrada.

Algum equipamento foi surgindo.

O espaço que temos hoje é um espaço agradável e nosso (por sete anos)!

## 7ª Parte – Amanhã

Muitos colaboraram na construção (chamemos-lhe assim) da nossa Sede. Alguns distinguiram-se pelo empenho e disponibilidade demonstradas, mas a sua modéstia não permite alardes. Bem hajam!

A Sede é agora uma realidade e é de todos. De todos os sócios da

AMIGisc, que queiram colaborar nalguma actividade ou simplesmente ir lá ver o que se passa. De todos os Cristinenses, que serão bem vindos a este espaço que se quer de intervenção, de diálogo, de cultura e de recreio.

Temos razão para estar contentes, mas não para baixar os braços. A vida da associação passará agora pela Sede, e a vida que a Sede demonstrar será o espelho da Associação. Uma Sede bonita mas vazia e fechada é o mesmo que uma Associação legalizada mas moribunda.

É necessário que traga o seu sopro de vida à Associação e à Sede. O que é que quer vir cá fazer amanhã?

Tomar um cafézinho (de saco, por enquanto)?

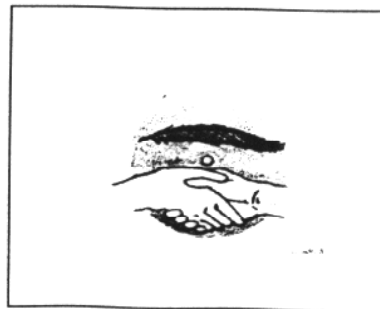
Ler um jornal?

Jogar uma partida de damas?

Propor um abaixo assinado sobre um problema grande ou pequeno da sua zona?

Salvar o mundo?

Apareça, faremos por estar à sua espera!



*Aos sócios mais distraídos  
Agora vimos lembrar  
Que há dinheiros consumidos  
Para as obras acabar,*

*Por isso, são prejuízos  
As cotas que estão por pagar.*